

GENTE QUE INSPIRA

Nasce um diplomata

Após sete anos de dedicação e cinco seleções frustradas, William Silva Placides, 35 anos, foi aprovado como terceiro-secretário do Itamaraty no último concurso, um dos mais disputados do Brasil

» JÚLIA GIUSTI*

Entre as periferias de São Paulo e do Distrito Federal, cresceu William Silva Placides, um menino cheio de sonhos e com uma trajetória marcada pela superação de dificuldades e a valorização da educação. Nasceu em Itapeverica da Serra (SP), ele se mudou aos 11 anos com a mãe e os três irmãos para o Sol Nascente, que já foi considerada a maior favela do Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estudante da rede pública de ensino por toda a vida, William se dedicou aos estudos para alcançar seu maior objetivo profissional: ser diplomata.

Após sete anos de muita dedicação, conciliando trabalho e estudos para garantir o sustento, além de cinco seleções frustradas no Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (CACD), do Ministério das Relações Exteriores (MRE), o sonho dele se tornou realidade. No final do ano passado, aos 35 anos, William descobriu a aprovação no concurso, que é considerado um dos mais difíceis e concorridos do Brasil.

O novo diplomata tomou posse em 23 de janeiro deste ano, como terceiro-secretário do Itamaraty, cargo inicial da carreira. Agora, ele está recebendo formação no Instituto Rio Branco (IRBR), na Asa Sul. “A sensação é de realização mesmo. Eu fui ao encontro da minha vocação, do meu destino, e consegui chegar até aqui, nunca desisti”, conta, orgulhoso.

Do barro ao diploma

William diz que a vinda para o DF foi motivada pela separação dos pais e porque sua mãe tinha parentes em Brasília. Por questões financeiras, a família se instalou no Sol Nascente, em uma região que não tinha asfalto, era estrada de terra; condição que, segundo ele, permanece. O diplomata

Ed Alves/CB/DA.Press



Com três empregos para sustentar a família, William estudava de madrugada: “Foi assim que cheguei até onde estou hoje, nunca desisti”

admite que cresceu em uma comunidade violenta, onde a falta de perspectiva de vida se fazia presente no cotidiano: “Uma região sem privilégios”. Porém, William superou as dificuldades por meio da educação, sempre valorizada em casa.

Em 2007, aos 18 anos, conquistou o quarto lugar entre os estudantes de escolas públicas de Brasília no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Assim, ele cursou relações internacionais na Universidade Católica de Brasília (UCB), com bolsa integral pelo Programa Universidade para Todos (Prouni), vinculado ao Ministério da Educação (MEC) e que oferece bolsas de estudo em universidades

particulares. Naquele ano, a mãe de William, dona Nina, que concluiu os estudos pela Educação de Jovens e Adultos (EJA), também conquistou uma vaga na universidade pelo Enem com bolsa integral no Prouni, cursando pedagogia.

“Eu tinha nota para medicina em algumas universidades do Brasil, mas escolhi relações internacionais, apesar de, na época, sequer ter viajado de avião. Foi um chamado, eu tinha muita curiosidade e interesse pela área, e hoje sei o porquê”, compartilha. O diplomata lembra, com carinho, de um tio que era tenente da Polícia Militar do DF e, em 2010, morreu em um terremoto no Haiti, no

Caribe, enquanto servia nas Nações Unidas, enxergando o policial como grande referência para a decisão pelo curso.

“Ele era uma pessoa muito inspiradora e querida, que adorava estudar idiomas. De alguma maneira, eu me espelhava na carreira dele e, quando eu estava na faculdade, ele faleceu. Lembramos dele como um herói brasileiro, um exemplo para mim”, relata. Para William, a conclusão da formação, em 2013, aos 22 anos, foi o começo de um caminho que deixará legado para os filhos: “Hoje, o fruto do meu estudo vai impactar definitivamente toda a minha descendência, quebrando, por fim, o ciclo de pobreza.”

Responsabilidades

No primeiro ano de faculdade, William fez estágio na Embaixada da Itália, experiência que considera propulsora para seguir a carreira diplomática. Naquela mesma época, porém, ele se casou e teve filhos, o que, segundo ele, levou ao afastamento dos planos profissionais, devido à necessidade de sustento da família. Aos 19 anos, foi aprovado no concurso da Polícia Penal do DF, onde permaneceu por 14 anos. Paralelamente ao serviço policial, William diz que sempre trabalhou com a esposa em atividades comerciais para complementar a renda.